



CID SEIXAS
A NARRATIVA
CLÁSSICA
de Herberto Sales

<https://issuu.com/e-book.br/docs/herberto>

e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Os livros eletrônicos da coleção **E-Poket**, conforme o título já indica, têm como característica o tamanho reduzido, similar às pequenas coleções de bolso. No caso presente, o formato *e-poket* foi desenvolvido para ser lido, com todo conforto visual, em celulares e outros equipamentos de telas com tamanho diminuto.

A narrativa clássica de Herberto Sales retoma textos publicados ainda em vida do autor, reeditando a plaquete intitulada *Herberto Sales: Notas sobre a narrativa*, de 1995, quando foi proposta a outorga do título de Doutor Honoris Causa ao romancista baiano da geração de 45.

Cid Seixas

A NARRATIVA
CLÁSSICA
de Herberto Sales

Seguida de três
correspondências do autor

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Coleção
e-pocket

CONSELHO EDITORIAL:

Alana El Fahl (UEFS)

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Ester M^a de Figueiredo Souza (UESB)

Francisco Ferreira de Lima (UEFS)

Moanna Brito S. Fraga (UFBA)

Endereços deste e-book:

issuu.com/e-book.br/docs/herberto

e-book.uefs.br/herberto

linguagens.ufba.br

Fonte: Original-Garamond 14

Formato: 100 x 170 mm

Número de páginas: 64

Salvador, 2019

SUMÁRIO

Obras de Herberto Sales,
páginas 7-8

Sobre os textos,
páginas 9-11

Dois poemas
de Herberto Sales,
páginas 13-17

O silêncio é de aço
e a palavra é de ouro,
páginas 21-29

O riso da metralhadora
no humor de Herberto Sales,
páginas 35-43

Um narrador clássico,
páginas 45-52

Apêndice:
Correspondências,
páginas 53-64

HERBERTO SALES: ALGUMAS OBRAS

Cascalho, romance (1944)

Os Belos Contos da Eterna Infância, antologia (1948)

Baixo Relêvo, crônica (1954)

Além dos Marimbus, romance (1961)

Dados Biográficos do Finado Marcelino, romance (1965)

Histórias Ordinárias, contos (1966)

O Lobisomem e outros contos folclóricos, contos (1970)

Uma Telha de Menos, contos (1970)

O Fruto do Vosso Ventre, romance (1976)

Armado Cavaleiro o Audaz Motoqueiro, contos (1980)

Os Pequenos Afluentes, contos (1980)

Einstein, o Minigênio, romance (1983)

Os Pareceres do Tempo, romance (1984)

A Porta de Chifre, romance (1986)

Subsidiário, memórias (1988)

Rio dos Morcegos, romance (1993)

As Boas Más Companhias, romance (1995)

Rebanho do Ódio, romance (1995)

A Prostituta, romance (1996)

SOBRE OS TEXTOS

As anotações sobre a narrativa de Herberto Sales, aqui reunidas, foram escritas para jornais de Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília — datando-se a primeira delas por volta de quarenta anos atrás. A velha crítica de rodapé, vista com pouco apreço pela inteligência universitária, vem sendo uma constante na minha atividade de escritor e jornalista, posteriormente afastado do trabalho diário

das redações e inteiramente dedicado à vida acadêmica.

Entendo que, ao assumir, como opção hedonista, o papel de leitor comum que continuo sendo, para registrar, no calor da hora, a publicação de livros, exponho ideias demasiadamente comuns e, às vezes, incomuns, contribuindo para manter viva a discussão sobre a literatura nas páginas dos jornais.

Cumpro assim um dever intelectual e, nesta pouco valorizada atividade de extensão universitária, presto contas de um trabalho de reflexão à comunidade, enquanto mantenedora da universidade pública; onde trabalho com o ensino e a divulgação da literatura.

Esta plaquete (ou este livrinho de bolso, como também se pode chamar), concebido naquele momento em que foi proposta a con-

cessão do título de Doutor Honoris Causa a Herberto Sales, pela Universidade Federal da Bahia, quer ser mais um testemunho de apreço à obra do escritor que inaugurou o ciclo do garimpo no bojo da literatura produzida pela geração de romancistas de 45.

Como registro, convém acrescentar que o autor nasceu em Andaraí, no dia 21 de setembro de 1917 e morreu no Rio de Janeiro, em 13 de agosto de 1999.

Para tornar mais atrativa esta pequena publicação, foram incluídos dois poemas do prosador Herberto Sales, cujos originais rabiscados numa mesa de bar e não destinados a publicação, guardei sem o seu consentimento explícito. Sem essa pequena traição à vontade do autor, eles teriam se perdido. Na obra do consagrado romancista e con-

tista, esses dois poemas constituem uma exceção no seu engenho de palavras prosaicas. Eles foram escritos por um personagem (ou *alter ego*) de uma história de amor, que ele vinha experimentando.

Como a história foi interrompida, os fragmentos da mesma, inclusive os poemas, foram abandonados ao vagar dos ventos do esquecimento...

Assim, tive a oportunidade de publicar esses dois poemas, pela primeira vez, em 1995, num pequeno volume do qual resultou este e-book, cuja capa é aqui reproduzida na página 16.

Quanto às três notas de crítica de rodapé que constituem o corpo da publicação, foram escritas, esparsamente, ao longo de quinze anos.

Aqui registro as datas e os lugares de publicação:

I | “O silêncio é de aço e a palavra é de ouro” foi originalmente publicada com o título de “O audaz Herberto”, no *Correio Brasiliense*, Brasília, 26 dez. 1980, p. 9. E, concomitantemente, no *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 31 jan. 1981, p. 2.

II | “O riso da metralhadora”. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, set. 1984, p. 3. Republicada com o título de “O riso da metralhadora: o humor de Herberto Sales”, em *Quinto Império*. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa. Salvador, nº 1, 1986, p. 141-143.

III | “Um narrador clássico”. *A Tarde*, Salvador, 25 set. 1995, COLUNA LEITURA CRÍTICA, p. 7.



DOIS POEMAS
DE HERBERTO SALES

Cid Seixas

HERBERTO SALES

Notas sobre a narrativa



Oficina do Livro

Capa da publicação de 1995, levando ao público, pela primeira vez, os dois poemas de Herberto Sales aqui reproduzidos. O retrato (a cores, no original) utilizado na capa é do pintor e diplomata Sérgio Telles.

BRUMA RUBRA

Na bruma rubra
busco teu corpo,
na fome
da indormida nudez de tuas
[formas,
que em teus tímidos relevos
são meu repasto e minha bilha.

Na bruma rubra,
buscando teu corpo
em ti me encontro.
E contigo parto em noturna
[cavalgada,
num corcel de linho e plumas.

Na bruma rubra
busco teu corpo,
na fome de tua alma.

I'M AFRAID... OF

Tenho medo de perder-te
e de, perdendo-te,
não mais te ver cavalgar
[sobre a relva úmida
em galope elástico e branco,
num ondular de ancas
brancas
de lua com maciez de jacintos.

Tenho medo de perder-te
e de, perdendo-te,
perder-me também
(irremediavelmente)
numa infecunda solidão floral:
sem o mel da polpa
[que o fruto oculta,
sem o pólen da rosa
[escarlate.

A NARRATIVA CLÁSSICA
DE HERBERTO SALES

HERBERTO SALES
Herberto Sales



Cascalho
Romance



HERBERTO SALES

O SILÊNCIO É DE AÇO

E A PALAVRA É DE OU(T)RO

Herberto Sales é um singular escritor brasileiro que pelo domínio da linguagem, exercido em obras nucleares da sua bibliografia, pode ser considerado como um clássico da modernidade. Inventor de histórias e sucedimentos, através de um arranjo de palavras e de uma sintaxe capazes de manter vivo e renovado um filão estilístico que se embebe em Machado de Assis, o autor de *Cascalho* tenta nessa sua nova fase — iniciada com *Armado*

cavaleiro o audaz motoqueiro de 1980 — adicionar, às técnicas que o consagraram, novos ingredientes visando captar a lógica dos tempos da geração de agora.

O livro reúne treze narrativas curtas e uma um pouco mais longa: “Edgarzinho ou atos que não se praticam”, talvez o melhor momento da coletânea, pela densidade da trama. Se no conto inicial, que dá título ao volume, Herberto Sales tenta se sintonizar com o universo conceitual e linguístico dos motoqueiros, *cavaleiros do ronco*, a narrativa final nos proporciona um reencontro com o velho Herberto — a caminhar livre e desembaraçadamente por uma sintaxe da qual é senhor e usuário.

A compreensão da lógica (patológica), do que foge ao espera-

do, torna-se possível, sob um outro ângulo, quando se lê a novela “Edgarzinho”, ou mesmo o conto “O estilete”, sobre o qual situaremos nosso discurso parasita.

* * *

“Chamava-se José Mário, e queria comprar um estilete. Havia de ter para isso os seus motivos, mas deles fazia segredo. De resto, era um homem que falava pouco, conquanto falasse muito consigo mesmo.”

As primeiras páginas da narrativa acompanham as andanças do personagem, pelas casas de ferragem e cutelaria, em busca de um estilete de aço, com trinta centímetros de comprimento, até que, cansado da procura, é informado,

por um antigo pracista, de uma metalúrgica onde faziam, sob encomenda, artigos similares. Teve que comprar um guia da cidade do Rio de Janeiro para, depois de rodar por mais de duas horas, entre labirintos e ruelas, chegar ao endereço da avenida de subúrbio.

“Uma semana depois refazia o itinerário suburbano, para pegar a encomenda. O estilete de aço reluziu em suas mãos maravilhadas. Conferiu-o com a escala que o caixeiro lhe trouxe com escrupulosa solicitude: trinta centímetros de comprimento, descontado o cabo de plástico torneado.”

Passados dois dias pegou seu voo preferido para Brasília, o direto, sentando-se num dos últimos bancos do avião, com a maleta executiva acomodada por entre as per-

nas. No banco da frente sentou-se um sólido homem “munido de um sortido equipamento facial: barba, bigode e óculos. José Mário observava-o. Sorriu, quando o homem reclinou a cadeira.”

Nosso protagonista conhecia esse tipo de passageiro que se instala confortável, espremendo o passageiro de trás. Foram muitas as viagens nas quais não pôde ler o jornal, nem almoçar, imprensado entre a poltrona e a mesa de lanche. Podia ter reclamado, como vira outros passageiros fazerem em situações semelhantes. “Mas, não reclamara: aguentara tudo calado, sob um silêncio estoico. Afinal ele não gostava de falar.”

Enquanto o confortável passageiro sorvia o repouso, nosso herói abriu a maleta, empunhou o

estilete, e fechou-a novamente. “Com toda a força, enfiou no lombo da cadeira reclinada o estilete — huumm!”

Um grito ferido dilacerou o vozeirão do motor.

“De pé, num desafio de espadachim alucinado, José Mário só fazia dizer:

— Recline a poltrona, filho da puta! Vamos, recline, recline a poltrona agora, filho da puta! Isto é para você nunca mais reclinar poltrona em avião, ouviu, seu filho da puta?”

* * *

Se é verdade que a arte nos mostra a realidade de um novo modo, projetando sobre os velhos objetos uma luz capaz de trazer uma

compreensão ainda não alcançada — ou, pelo menos, ainda não estabelecida como realidade coletivizada —; se é verdade, esse conto nos remete à humanidade e ao sofrimento que há no mundo das mitologias individuais do neurótico, da falta de sintonia com as configurações socialmente compartilhadas, em suma: das formações psíquicas que recusam a homogeneidade, ou a chamada «normalidade».

José Mário, o herói da narrativa de Herberto Sales, ao percorrer incansavelmente a cidade à procura obstinada e obsessiva de “um estilete de trinta centímetros”, não é apenas o retrato de um habitante dos sítios da neurose entre os muitos gerados pelo mal-estar na civilização. Ele é, principalmente, uma caricatura, uma metonímia e uma

hipérbole de todos nós, medianos e pacatos cidadãos de sorrisos cordiais e complacentes, como hímnes generosos. A cruel vingança de José Mário é apenas uma manifestação não-verbal de todas as palavras engolidas e engasgadas pelo homem civilizado, sob a tirania das boas maneiras.

O conto é uma amostragem crua e intuitiva do processo patogênico de substituição dos símbolos verbais por uma ação simbólica. A regra social impõe a troca da ação pela palavra. É na linguagem que o homem encontra o substituto social para os atos que não se praticam. É na palavra plena, pronunciada, que o afeto é descarregado sob a forma do que Breuer e Freud chamaram de *ab-reação*. Já se disse que a palavra é de prata e o silêncio

é de ouro, mas a prática do estilete mostra que o silêncio é de aço e a palavra é de ou(t)ro. O constante silêncio de José Mário, o engolir em seco, a ausência de ab-reação, mantém as representações que alimentam os mecanismos neuróticos isoladas do curso normal do pensamento. Elas conservam a sua atividade patogênica, porque não são reproduzidas nos estados associa-tivos livres, isto é, porque não são submetidas ao desgaste normal através da ab-reação. Em termos técnicos, José Mário substitui a ab-reação pela *atuação* ou pelo que os psicanalistas de língua inglesa chamam de *acting out*. Essa atuação é a marca de liberação brusca do recalçado, através da agressão ao outro.

O ato *aparentemente* sádico do protagonista da narrativa é, para o sujeito recalcado, apenas um inocente signo: o único capaz de ser articulado por José Mário, no seu “silêncio de ouro”, na sua impotência de reagir com palavras. O silêncio contumaz explode numa “fala” de violência e tumulto. O silêncio verbal só é substituído pela fala quando, antes dela, ele grita o engasgo, através de signos gestuais, a ação agressiva: o estilete rasgando as costas do interlocutor inesperado. O protagonista, ao reprimir cotidianamente sua raiva e engolir as palavras de protesto antes que cheguem à ab-reação da boca, perde a dimensão do real e habita o desespero: a agressão contra um *inocente* passageiro de avião que reclina, confortavelmente, sua pol-

trona sobre o silêncio de ouro, não é concebida pelo espremido passageiro do banco de trás como um ato de violência, mas como palavra plena. É produzido como uma ação transferencial, ou mesmo como um ato simbólico, uma espécie eloquente de discurso não-verbal pronunciado em silêncio, que descarrega a raiva reunida em sucessivos silêncios.

O próprio ato de ferir o agressor involuntário é um ato “inocente”. “Com toda a força, enfiou no lombo da cadeira reclinada o estilete — huumm!” O deslocamento, das “costas do passageiro” para “o lombo da cadeira”, presente na fala narrador, sublinha a inconsequência do gesto. Ou sublinharia a sua inocência, não fosse a cadeira dotada de “lombo”, em vez de recosto.

De qualquer modo, é como se a ação, aos olhos do herói ficcional, pudesse ser equanimemente repartida entre todos os passageiros que reclinam impunes poltronas no ar, cabendo a cada um deles uma suave palavra corretiva. Diluídos os trinta centímetros do afiado estilete pelas costas dos inúmeros reclinadores de poltronas aéreas, apenas algumas inofensivas alfinetadas lembrariam a eles a existência de um espaço do outro.

Evidentemente, nós, espectadores do drama de José Mário, não compartilhamos essa visão delirante de uma fala de ação. Nem precisamos compartilhar, porque a catarse da tragédia, da qual falava Aristóteles, se processa sem o nosso comprometimento real. No drama de ficção que o escritor ence-

na, purificamos nossas forças na vingança de José Mário e nos mantemos sorridentes e cordiais para outras viagens, *sob o julgo* do passageiro da frente.

Assim também procede o autor, transferindo para a ação do personagem as inconfessáveis fantasias do homem civilizado.

SALES, Herberto. *Armado cavaleiro o audaz motoqueiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

Herberto Sales
a saga de um bamburrar
literário

Textos diversos
sobre sua vida
e obra



O RISO DA METRALHADORA NO HUMOR DE HERBERTO SALES

Embora o texto crítico deva falar da obra e não do homem, como geralmente se espera, há textos traiçoeiros, trameiros, que nos põem num jogo constante: do autor para o livro e do livro para o autor.

Herberto Sales se diverte jogando. Ou não se diverte, se vinga. Por isso substituo aqui termos consagrados por outros insólitos, como *veia humorística* por *metralhadora humorística*, ou *veia* por

vaia humorística — se quiser o leitor brincar com o som e o sentido, permanecendo, sem se arredar, nos limites do sentido.

“O riso da metralhadora” é o título deste artigo crítico, como poderia ser também “A vaia da metralhadora”.

Mas comecemos do princípio. O livro de que falo é este espinhento *Einstein, o minigênio*, publicado pela Civilização Brasileira. O texto fura a consciência do leitor e deixa nos dedos a impressão de pontas de sangue, ao ser folheada cada página. Mas é uma espetada, às vezes, até engraçada. É uma espetada desgraçada. Sua graça pesa, como um peso nos braços abertos do Corcovado. É irônica. Eis o intento do autor, imagino: buscar uma metralhadora humorística que

faz rir, mas estraçalha o alvo.

Os costumes e usos do tempo que caem na pena do romancista são impiedosamente desenhados a bico de baioneta, faca ou facão, como caricaturas, pondo e expondo aos olhos do leitor os aspectos mais frágeis e absurdos.

Para destruí-lo, Herberto ridiculariza o gigante, pelo pé achata-do e disforme.

O clássico adágio latino, perseguido por grandes poetas do passado, também se aplica ao fazer político — digo: poético — desse prosador: “Ridendo castigat mores”.

Rindo corrige os costumes, ou, se não corrige, porque a função do escritor não é didática, expõe ao riso corrosivo. Com ódio e amor, humor que fere, incomoda, provo-

ca, inquieta, emputece. Com rumor, humor cáustico, que se inscreve como cicatriz indelével nos escuros da mente, Herberto escreve seus livros desta última fase e marca cada vez mais um estilo que é seu. Aliás, tão sincero quanto é sincera a sua raiva. Quem conhece de perto este baiano dos cascalhos de Andaraí e, ao lado da sua obra, garimpou alguns momentos do seu dia a dia, descobriu desde logo que nem os sorrisos dos saraus literários nem o bordado fardão da imortalidade intelectual conseguiram diluir no seu sangue a espontânea e ingênua tendência à emoção incontida, onde o amor e o ódio são pares que se permutam à flor dos olhos.

Herberto xinga com raiva e beija com amor. Não abraça quando bri-

gar devia. Assim como o escritor, o homem não é envernizado por fora. Onde a casca precisa ser dura para resistir ao machado hipócrita, ela é dura, *drummondiana*, de ferro. O verniz dos cantos mais íntimos e as ásperas texturas exteriores são expostos com a mesma ênfase. Suas planícies e suas montanhas são mostradas com a mesma espontânea sinceridade que, felizmente, não desapareceu ao deixar as terras agrestes do interior da Bahia para pisar as alcatifas com debruns acadêmicos. E esse traço, forte, marcante, com cheiro de terra e sangue, é passado a limpo (ou a sujo, se preferirem a polissemia do termo) na obra literária. Daí, as mesmas angústias do seu cotidiano de homem brasileiro aparecerem, às vezes com as mesmas

palavras, no seu texto. O narrador Herberto Sales fala como o homem Herberto Sales. Não dissimula, nem procura “mentiras com aparência de verdades”.

Alguém já observou, ao conhecer o escritor, que ele, às vezes, fala literariamente, quando transpõe para o diálogo cara a cara o mesmo clima de consistente crise existencial, engendrada pela máquina do mundo, que dá consistência à sua obra. Em outras palavras: mesmo na fala amiga de uma mesa de bar, Herberto consegue comprometer o universo verbal com a crise do universo conceitual em que vive e atua. Se isso é um privilégio do discurso literário, aqueles que têm o privilégio do diálogo com o autor de *Einstein*, o *minigênio* podem estacionar no cruzamento onde

têm livre trânsito ocorrências da vida e da literatura.

Eu avisei, desde o início: este é um artigo crítico que é uma conversa de comadre, ou seja, um jogo do autor para a obra e da obra para o autor.

Numa frase do narrador, escondida no meio do livro (p. 296), encontramos a chave da entrada de serviço: “Enfim, se a vida se constrói de mentiras com aparência de verdades, um romance pode construir-se de verdades com aparência de mentiras.” Uma ponderação que poderia ter sido feita também pelo velho Machado de Assis, narrador meditativo, ao meter a mão na luva da história narrada.

Jogando com cartas absurdas, Herberto enfoca, a seu modo, no romance *Einstein, o minigênio* o

sempre atual problema da excepcionalidade das crianças superdotadas e da projeção do ideal do ego dos pais no ventre fecundado.

Num tempo onde a concorrência desumana programa computadores humanos no organismo e na alma dos superdotados, a eficiência é o fim perseguido. O trabalho não mais dignifica o homem, tornando seu papel único na História. O trabalho da era da máquina eletrônica processa dados homogêneos e fabrica androides atômicos, até o fim adâmico dos tempos.

A fábula do minigênio nos mostra uma caricatura das crianças que inventamos: programáveis, como o homem quer ser para inscrever seu nome nas lápides do mundo dos negócios.

Mas o autor nos demonstra que a máquina falha quando falta um fogo imprevisto: o afeto.

“O riso da metralhadora”. Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 2, set. 84, p. 3. Republicado com o título de “O riso da metralhadora: o humor de Herberto Sales”. Salvador, *Quinto Império*. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa. nº 1, 1986, p. 141-143.

LITERATURA COMENTADA 

HERBERTO SALES



TEXTO DE ANTONIO
DE PASQUALETTI, LUIS MIGUEL RODRÍGUEZ Y ANTONIO DE LOS RÍOS Y OLIVERA

UM NARRADOR CLÁSSICO

Após a publicação de *Cascalho*, em 1944, seguido de *Além dos maringuinhos* e, depois, de *Dados biográficos do finado Marcelino*, Herberto Sales passou a ocupar um lugar de destaque nas letras brasileiras. Ao inaugurar o romance centrado na mineração de diamantes, o autor completava um seletto painel regional brasileiro, no qual já tinham lugar autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e Raquel de Quirós.

Agora, é *Rebanho do ódio* que se junta a *Pareceres do tempo* para reafirmar a qualidade da escrita de Herberto Sales.

Sabe-se que é na maturidade que alguns autores retomam as linhas constelares da sua escrita, deixando de lado os experimentos incipientes e aprofundando aquilo que marca a qualidade do texto. É essa maturidade literária que confere ao novo romance de Herberto Sales o poder de segurar o leitor por todas as páginas da narrativa, mantendo vivo o seu interesse por todos os momentos, mesmo aqueles em que o narrador usa a trama para firmar suas observações reflexivas. Isso porque um autor maduro e senhor do seu ofício não precisa inserir na narrativa observações paralelas. Ele sabe fazer bro-

tar do próprio contexto ficcional aquilo que os aprendizes de feiticeiro expõem como conceitos pessoais.

É por isso que, mesmo exorcizando ressentimentos, “para entrar de coração aliviado e limpo na eternidade”, o romance *Rebanho do ódio* não tem nada de escrita proselitista. É ficção no seu pleno sentido, com todo o encantamento que a criação de mundos paralelos pode nos dar.

Desde o lançamento do seu primeiro livro que Herberto Sales se tornou respeitado como uma das vozes mais significativas da nossa literatura. *Cascalho*, de 1944, segundo observação da crítica da época, vinha completar o quadro do romance regionalista brasileiro. Sérgio Milliet, a propósito da ter-

ceira edição desse livro, colocava o romance da região diamantina ao lado de obras que traçaram o perfil “realista do colonialismo econômico brasileiro, tal qual os romances da cana e do cacau, os da seca e do cangaço, de José Lins do Rego, Jorge Amado e Raquel de Queirós”.

Na esteira da constatação que a literatura brasileira incorporara o nome de um autor de excepcional qualidade, o romance seguinte de Herberto Sales, *Além dos marimbos*, recebeu dois grandes prêmios. Mas foi com as reedições de *Cascalho*, nas quais o livro era retrabalhado de forma a polir o diamante, e, especialmente, com o romance *Dados biográficos do finado Marcelino* que esse baiano de Andaraí se afirmou como um clássico da atualidade.

Herberto Sales filia o talhe da sua narrativa a uma vertente que vem desde Machado de Assis e passa pela admirável precisão de Graciliano Ramos, se é que se pode tentar uma analogia de vozes sem esquecer a natureza própria de cada um desses escritores tão diferentes entre si.

Em *Rebanho do ódio* a ação é situada em São Pedro da Aldeia, na chamada região dos lagos do Rio de Janeiro, coincidentemente onde o autor adquiriu a sua quinta, na tranquilidade dos velhos sítios de antanho, e sempre se refugia para escrever. Se o primeiro livro teve por espaço da ação as lavras diamantinas, onde o jovem Herberto viveu a realidade do cascalho bruto, a vida urbana do jornalista, do homem de cultura e dos corredo-

res de organismos de difusão do livro pintou a paisagem para muitas obras desse autor que transforma em ficção aquilo que existe ou podia existir. Fiel ao realismo dos anos da juventude, nesse livro da maturidade, Herberto Sales vai buscar no emaranhado ninho de amor e ódio das relações familiares a matéria para a sua criação romanesca.

História de uma família, onde a ambição e os interesses pessoais sobrepujam os laços de sangue e afeto, *Rebanho do ódio* desvenda os embaraços do espólio de um rico fazendeiro e as ambições dos seus herdeiros, descobrindo o veio de ódio que se esconde por entre os arrulhos do amor familiar.

Na pena desse escritor, a história narrada e o discurso literário

se fundem com tal naturalidade que dispensam toda e qualquer tentativa de acrescentar à fluidez do texto pequenos ditos, adendos ou tiques sugeridos pela atualização estilística do autor. É por isso que *Rebanho do ódio* apresenta uma escrita mais límpida e conseqüentemente superior à de algumas obras produzidas pelo autor por volta dos anos setenta e oitenta.

Se há o que ser trabalhado no texto de Herberto Sales, não é no sentido de acréscimos e descobertas, mas no sentido de polir a pedra, aparar relevos, cortar aquilo que parece redundante ou destoante numa sintaxe clara de luz. Muitas vezes, o caráter parentético de algumas falas, ao invés de ampliar o sentido do que é dito, turva ou embaça a transparência da linguagem.

Do mesmo modo, a redundância ou a repetição, que às vezes aflora nas quinhentas páginas desse romance, interrompe, por breves instantes, a leveza do discurso. Discurso tão fluente que o leitor chega ao fim do volume saboreando as páginas que ainda não foram lidas, como se quisesse prolongar o prazer do texto.

Como Herberto Sales é um clássico do romance brasileiro do nosso tempo, o que nós, seus leitores, esperamos é que sua escrita possa cada vez mais projetar o foco de luz da linguagem sobre os obscuros caminhos das ideias e sentimentos.

Um narrador clássico. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 25 set. 95, p. 5.

APÊNDICE:
CORRESPONDÊNCIAS



Herberto Sales com o fardão da Academia Brasileira. Caricatura de Alvarus.

Brasília, 11 de dezembro de 1980

Cid Seixas, meu caro:

Seu texto sobre o *Motoqueiro* nada tem de “rápido”, no sentido em que você emprega essa palavra no seu cartão. Não faça pouco caso dele. Em verdade, ele contém uma excelente análise de “O estilete”, análise modelar, lúcida: de quebra, considerações muito inteligentes a respeito de “Edgarzinho”.

Fiquei sensibilizado, senti-me muito honrado e — apesar de minha aversão à palavra orgulho e derivados —, muito orgulhoso com sua notável resenha.

Um abraço muito afetuoso com votos de Feliz Natal.

Seu amigo

Herberto Sales

Brasília, 26 de março de 1984.

Caro Cid Seixas:

Você é um homem extraordinário, um extraordinário amigo. Compre meu livro, escreve-me uma carta a respeito dele e, como se isso não bastasse, escreve sobre ele um excelente artigo.

Mandei-o para o *Jornal de Letras*, onde ele será publicado brevemente. Pensei em mandar uma cópia para *A Tarde*, mas, não sabendo do seu relacionamento no jornal, com o jornal, com quem manda no jornal, não levei a ideia adiante. Enfim, o importante é sair e ele vai sair do *Jornal de Letras*.

Meu agradecimento muito comovido pelo artigo e é com muitas saudades que o abraço.

Herberto Sales

São Pedro da Aldeia, 18.10.95

Caríssimo Cid Seixas,

Estou com medo desta carta ficar muito longa, não pelo desprazer de escrevê-la, mas para não lhe dar muito trabalho lendo-a. Você já viu que ela está sendo produzida a máquina, para lavar a testuda do bilhete que lhe fiz a mão e que você não conseguiu ler por causa da infame letra. Console-se comigo. Desde o meu penúltimo romance — *Rio dos morcegos* — venho escrevendo num pequeno bloco praticamente de notas, de onde vou dactilografando depois o livro. Isto porque, se não dactilografo logo, acabo me esquecendo do que escrevi e não tenho como ler o que escrito está. O truque foi o bloquinho, de onde, como já disse, vou

dactilografando em pedacinhos à prova de minha memória, o que escrevi e em muitos casos simplesmente não consigo ler. E o engraçado, ou triste, é que essa empreitada me pegou num momento em que estou escrevendo os meus mais extensos romances, na minha reta final de romancista. Realmente estou escrevendo no momento o meu último romance, porque outro não haverá. Na dedicatória eu digo o meu adeus. E, chega! Vê que quase a metade do papel já se foi e até agora eu só fiz ou tentei justificar o meu ilegível cartão.

Olhe, não imagina como fiquei contente com o nosso reencontro. Eu não sabia de você, você não sabia de mim, eu estive por duas vezes correndo na Bahia, e não vi você, nem você me viu. Eu podia

ter procurado você. Mas, que diabo, você podia também ter me procurado, não é mesmo? Logo, se houve culpa, a culpa foi de nós dois, como na canção de Orestes Barbosa.

Já lhe agradei, embora de modo talvez ilegível, o seu generoso artigo sobre mim, que me deu enorme alegria. Agora quero lhe agradecer as duas plaquetes que me envia, onde figuro aliás numa delas como assunto, e a outra, a de *Notas sobre a Narrativa*, que é toda dedicada a mim. Cid, você quase me mata. Eu já não estou mais em condições de passar por emoções tão gratamente fortes. Obrigado, meu caro. Obrigadíssimo. Apenas estranhei que as plaquetes tenham vindo desacompanhadas de sua valiosa dedicató-

ria. Não creio que tenha feito isso em represália por haver recebido sem dedicatória meu romance. É que, meu caro, quando o romance se lançou, eu estava no hospital me preparando ou já fazendo a devastadora cirurgia de um câncer no intestino. Os livros para a Bahia foram solicitados por intermédio de Milton Borba de Oliveira, meu amissíssimo amigo, a tempo de serem expostos durante a conferência que você ia fazer. E eu então pedi a ele, por telefone, que lhe oferecesse em meu nome um exemplar.

Agora lhe pergunto: Você tem por acaso o *Rio dos Morcegos*? Se não tem vou lhe mandar um exemplar com a reparadora dedicatória do meu afeto. E mande dizer também qual é o seu telefone.

Quando a plaquete das *Notas*, que você me mandou numa prova, sair impressa, não deixe de me mandar com o seu jamegão.

E por hoje é só. Queira bem a este amigo que tanto lhe quer bem.

Herberto Sales

Fonte: Original-Garamond 14
Formato: 100 x 170 mm
Número de páginas: 64
Salvador, 2019



Cid Seixas é professor titular da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana. Publicou diversos livros e centenas de artigos, tendo orientado teses de doutorado e dissertações de mestrado. Antes de se dedicar ao ensino trabalhou como jornalista, de onde vem sua preferência pelos textos breves e de alcance pelo leitor comum.

A NARRATIVA CLÁSSICA

de Herberto Sales

O escritor baiano de Andaraí, na Chapada Diamantina, levou para o romance brasileiro a temática do garimpo, produzindo uma obra que chegou a mais de trinta livros, incluindo contos, memória e histórias infanto-juvenis.

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL